

Evento: XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

**BATENDO NA MESMA TECLA: ANÁLISE DOS LUGARES-COMUNS NAS
REDAÇÕES DE VESTIBULAR UNIJUI¹
ANALYSIS OF ARISTOTELIAN TÓPOI LOCI COMMUNES IN UNIJUI
COLLEGE ENTRANCE ESSAYS**

Sidinei Mateus Schmidt², Rosita Da Silva Santos³

¹ Trabalho desenvolvido a partir dos estudos no projeto de pesquisa intitulado Fatores Estratégicos na Construção de Textos: Análise das Redações do Vestibular da UNIJUI.

² Acadêmico do 5º Semestre do Curso de Letras. Bolsista PIBIC/UNIJUI, integrante do grupo de Pesquisa Interdisciplinar de Humanidades no Ensino Médio (GEPEI).

³ Professora Orientadora do Projeto. Mestre em Linguística pela UFSC e Doutoranda em Educação nas Ciências, pela UNIJUI.

INTRODUÇÃO

De que forma o estudo da retórica pode contribuir para o ensino de produção textual na escola? No presente estudo, iremos investigar a presença de argumentos de lugar-comum em redações de vestibular. Essa noção presente na retórica desde seus primórdios pode nos ajudar a compreender melhor a argumentação dos alunos e, mais do que isso, auxiliar em sua produção. A nossa proposta de análise se revelou muito eficiente, dado que argumentos de lugar-comum no sentido aristotélico parecem ser muito recorrentes nas redações estudadas

METODOLOGIA

A partir da concepção aristotélica de lugar-comum, nos propomos a analisar a argumentação das redações dos vestibulandos da região. Para tanto, selecionamos, em um universo de redações do Vestibular de Verão Unijuí de 2017, o corpus das redações dos candidatos aos cursos de licenciatura. Tal amostragem se justifica pelo fato de que, em geral, esses candidatos estarão indiretamente envolvidos na produção de futuras redações. Ademais, era necessário algum tipo de recorte no público. Não se tem o intuito principal de quantificar resultados, e sim examinar de que forma se dá a formação dos argumentos dos alunos que concluíram as etapas da escolaridade obrigatória, quais são seus méritos e suas debilidades. Entende-se que, a partir dessa reflexão, se torna possível observar fragilidades do ensino de escrita. Com isso pretendemos fornecer instrumentos à capacitação dos professores, tendo em vista a superação de possíveis problemas observados. Assim, nesse estudo se tentará responder às seguintes questões: de que forma estão presentes os argumentos de lugar-comum nas redações, com que frequência eles aparecem, e o que isso indica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. O que entendemos por lugar-comum e quais seus tipos

É preciso estabelecer uma distinção entre as duas principais concepções de lugar-comum. Quando

Evento: XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

se pensa em lugar-comum, é possível que se tenha em mente a comunicação de um fato óbvio como este trecho retirado de uma redação: “os pais têm um papel importante na vida dos filhos”. Ou seja, algo desnecessário de enunciar. Ou ainda como um argumento muito repetido. Mas não é esse tipo de lugar-comum que estamos considerando neste estudo. Fiorin apresenta duas definições de lugar-comum, das quais uma se refere à mencionada acima (2015, p. 9596), outra, a um esquema argumentativo que pode receber os conteúdos mais diversos, que é o sentido aristotélico. Este último, considerado na análise.

Ele está relacionado à *inventio*, que é invenção ou criação na retórica. *Inventio* não significa a criação de algo totalmente novo, mas a busca de argumentos em um inventário de materiais já disponíveis. Esses argumentos disponíveis eram os *tópoi* (lugares), os quais Aristóteles dividia em lugares próprios e lugares-comuns. Os primeiros são específicos de uma ciência particular, enquanto os segundos podem ser utilizados em qualquer campo discursivo (FIORIN, 2015, p. 94). Ou seja, os lugares-comuns seriam modelos com certo valor argumentativo, que poderiam ser usados para se desenvolver argumentos para uma discussão qualquer. Aristóteles apresenta vários desses modelos, dentre eles, os lugares do acidente, que são agrupados por Perelman em lugares da quantidade, da qualidade, da ordem, do existente, da essência e da pessoa (2002, p. 96). A esses, Fiorin acrescenta o lugar da justa medida (2015, p. 102). São esses os tipos de argumentos de lugar-comum que analisaremos nas redações dos alunos. A fim de permitir que nossos leitores tenham uma ideia mais clara do que se compreende por cada um desses tipos de lugares-comuns, faremos em seguida uma breve exposição, tentando utilizar exemplos das próprias redações. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca, podemos perceber que lugares comuns podem, muitas vezes, estar implícitos em um raciocínio. Eles explicam o lugar da quantidade da seguinte forma:

Entendemos por *lugares da quantidade* os lugares-comuns que afirmam que alguma coisa é melhor do que outra por razões quantitativas. O mais das vezes, aliás, o lugar da quantidade constitui uma premissa maior subentendida, mas sem a qual a conclusão não ficaria fundamentada. Aristóteles assinala alguns desses lugares: um maior número de bens é preferível a um menor número, o bem que serve a um maior número de fins é preferível ao que só é útil ao mesmo grau, o que é mais duradouro e mais estável é preferível ao que é menos. Há que observar, a este respeito, que a superioridade em questão aplica-se tanto aos valores positivos como aos negativos, no sentido de que um mal duradouro é um mal maior que um mal passageiro (2002, p. 97).

Isso pode ser observado nos trechos “A felicidade que as redes sociais proporciona (sic) dura pouco e não contagia. Já a felicidade que os amigos e a família proporciona é a verdadeira felicidade, é aquela que a gente nunca esquece” e “Portanto, nós temos que fazer com que todos se sintam bem.” Esse raciocínio ainda está presente no texto motivador: “Se os adultos têm o que eu chamo de síndrome do pensamento acelerado, que é viver sem conseguir acalmar a mente, como vão ajudar seus filhos a diminuir a ansiedade?”. Em outras palavras, se quem pode mais não consegue, também não conseguirá quem pode menos.

Evento: XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Os autores sinalizam que os lugares podem ser opostos. O espírito romântico diferia do clássico em função da predominância do lugar da qualidade ao da quantidade. O mesmo, afirmam eles, se deu na Reforma Protestante (cf. p. 108-111 e 100-101). Assim, em oposição ao lugar da quantidade há o lugar da qualidade, no qual se afirma que o original, o extraordinário, o insubstituível são superiores ao banal, o ordinário, o comum. *“Deveria-se sair um pouco da rotina [...] aproveitar os momentos em família e amigos.”*, *“A geração atual está viciada no efêmero e fugaz [...]”*, *“Todos tem (sic) muita liberdade com a tecnologia, mas não sabem utilizá-la corretamente [...]”*.

Por sua vez, o lugar da ordem vê a superioridade, ora da causa, ora do efeito. Outro lugar, o do existente, afirma que o que existe, o que é real, atual, é superior ao que é apenas possível, eventual ou mesmo impossível: *“(Crianças e adolescentes) preferem dividir suas emoções, suas conquistas com pessoas que muitas vezes nem conhecem”*, em vez disso, ao que o autor sugere, deveriam comunicar isso com aqueles que conhecem e estão, de fato, ao seu redor. Perelman argumenta que o lugar da essência se trata de uma comparação entre indivíduos enquanto representantes de um todo (o que constitui a essência). O melhor é o que mais encarna essa essência. Poderíamos entender que, em *“momentos de lazer que antes eram risadas, conversas com família e amigos. Hoje são momentos de solidão apenas com celulares, tablets, tvs de última geração”* há uma comparação entre diferentes formas de momentos de lazer. O lugar da pessoa considera valores vinculados à pessoa, seus méritos, sua autonomia, sua dignidade: *“por trás de cada ser humano escondem-se belíssimas histórias de vida e experiências que devem ser compartilhadas [...]”*. Em *“Desta forma não teremos mais humanos na sociedade e sim máquinas controladas por um relógio, pelo próprio tempo”* o autor apela para esse lugar, trazendo implicitamente que pessoas livres e autônomas são preferíveis a pessoas mecânicas e, portanto, deveríamos evitar que o tempo nos controle como máquinas. Por fim, o lugar da justa medida pode ser observado em diversos trechos, tais como *“Usar recursos tecnológicos é bom e proporciona conhecimento, desde que se saiba fazer bom uso dela”*, *“o trabalho, os estudos são de grande importância [...], porém a família, as amizades são essenciais [...] é necessário aprender a administrar o tempo”*, *“use a tecnologia, se isole quando preciso, mas não deixar (sic) isso tomar conta das pessoas”*

Assim, acreditamos ter demonstrado a compreensão que utilizamos do termo, bem como apresentado como costumam ser divididos os lugares-comuns. Essa divisão não é exaustiva. “Os lugares que mencionamos e que estão entre os utilizados com mais frequência poderiam ser completados por muitos outros, mas cujo significado é mais limitado” (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2002, p. 108). Propomo-nos agora a demonstrar como esses lugares aparecem nas redações analisadas.

2. Os lugares-comuns nas redações de vestibular

Não é difícil encontrar lugares-comuns nos textos analisados. Sua utilização não significa necessariamente que a argumentação é fraca ou deficiente. Por outro lado, um texto bem elaborado utiliza diferentes argumentos e apresenta informações novas, dados ou ideias, o que torna o texto mais interessante e relevante. Nisso materializa-se nossa preocupação. De maneira geral nessas redações, a argumentação se resume a lugares-comuns e argumentos de causa e

Evento: XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

efeito. Já demonstramos que outros tipos de argumentos, como o argumento de autoridade, são raros nas redações, assim como que não costumam aparecer dados e informações além dos apresentados no texto motivador (cf. Schmidt e Santos, 2016). Raramente vemos citação, dados empíricos ou argumentos mais elaborados, com raciocínios que apresentam suas premissas e conclusão ou parágrafos segundo o modelo de Toulmin, em que constam afirmações, dados, garantias, justificativas etc. (cf. SERAFINI, 1992, p. 56; TOULMIN, 1995).

O uso dos lugares-comuns é próprio do raciocínio e não exige um estudo prévio. Mesmo quem nunca leu sobre lugares-comuns é capaz de utilizá-los, da mesma forma que empregamos a lógica, mesmo sem nunca termos a estudado. Como argumentos dessa natureza não exigem um estudo aprofundado, muito menos um raciocínio rigoroso e elaborado, podemos afirmar que a argumentação nas redações é fraca, pois se reduz a lugares-comuns. E este é um ponto em que podemos destacar a possível contribuição da retórica: a formação dos argumentos, não apenas os mais comuns, mas os mais adequados a cada caso.

3. A relação entre o tema e o emprego de certos lugares

A relação entre o texto motivador e as redações sempre nos interessou. Temos por certo que o tema da redação influenciou de alguma maneira no uso mais recorrente de certos lugares-comuns. Os alunos foram convidados a expressar, em um texto dissertativo argumentativo, sua opinião sobre a "geração triste", a partir do texto de uma entrevista com o psiquiatra Augusto Cury ("Nunca tivemos uma geração tão triste"). No texto, excessos de estímulo e informação, consumismo, redes sociais, falta de sociabilidade e desenvolvimento de habilidades sócio emocionais são apontados como elementos relacionados à condição triste e ansiosa da atual geração.

Assim, alguns lugares acabam sendo mais considerados. Isso explicaria por que lugares como o da *justa medida*, da *qualidade* e da *pessoa* são muito mais frequentes do que os outros. É importante que crianças e adolescentes não sejam estimulados e nem tenham atividades em excesso; é importante que se tenha momentos de qualidade, apreciando o bem, o belo, o simples, a companhia dos amigos e da família, ter momentos contemplando a natureza; devemos atentar para essas questões pois estão causando danos psíquicos e emocionais nas pessoas etc. Esses são alguns exemplos de ideias muito presentes em todas as redações e que se sustentam nos lugares-comuns acima mencionados.

4. Por que temos dificuldades identificando argumentos de lugar-comum nos textos dos alunos

Embora os lugares-comuns sejam muito frequentes, é difícil indentificá-los. Sugerimos que essa dificuldade se manifesta por, pelo menos, duas razões: pela falta da clareza que os alunos têm das ideias tentam desenvolver, e pelo desconhecimento desses modelos argumentativos acima referidos. A falta de coesão e coerência nos textos dos alunos é muito comum. Neste trecho da introdução de uma das redações o locutor vai mudando gradualmente sua visão sobre as pessoas da sociedade, de positiva a negativa: "*a sociedade, hoje em dia, possui pessoas com mentes abertas, pessoas que acumulam informações, que trituram opiniões e destroem conceitos éticos*

Evento: XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

[...]". Essa ausência de unidade de sentido, em que o autor vai mudando suas ideias no próprio desenvolvimento das frases, acreditamos, ser um motivo que nos dificulta na identificação dos argumentos. O segundo é ainda mais simples. Como os alunos desconhecem esses modelos e as ideias que os sustentam, não são capazes de tirar deles o máximo, ainda que utilizem esses recursos. Em outras palavras, se os alunos conhecessem o que baseia esses “modelos de argumentos”, seriam mais persuasivos. Esse é outro exemplo de como a retórica pode contribuir no ensino de redação.

CONCLUSÕES

A nossa proposta de análise se revelou muito eficiente, dado que argumentos de lugar-comum no sentido aristotélico parecem bastante recorrentes nas redações estudadas. Não é difícil encontrar argumentos que se assemelham a algum dos tópicos apontados por Perelman e Olbrechts-Tyteca. Parecem ser os argumentos mais utilizados pelos alunos na redação de um texto. Entretanto, na maioria das vezes, não ficam evidentes e nem se apresentam de maneira muito persuasiva. Suspeitamos que isso se deve a os alunos desconhecerem os raciocínios que fundamentam esses tipos de argumentos. Por fim, ainda entendemos que isso pode indicar falta de capacidade de os alunos utilizarem outros tipos de argumentos, mais sofisticados e rigorosos. Nossa análise fornece uma boa chave de leitura, com a qual nos tornamos mais capazes de compreender as próprias redações dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE

Argumentação - Lugares-comuns - Produção textual

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

FIORIN, J. L. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado de argumentação: a nova retórica**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PORTAL RAÍZES. **“Nunca Tivemos Uma Geração Tão Triste”**. Disponível em: . Acesso em: 04 de jul. 2017.

SERAFINI, M. T. **Como escrever textos**. 5ª. ed. São Paulo: Globo, 1992.

SHMIDT, S; SANTOS, R. S. **O argumento de autoridade e a relação direta com o texto motivador: uma análise a partir das redações do vestibular da Unijui**. In: Seminário de Iniciação Científica, XXIV, 2016. Ijuí, Anais... Disponível em: . Acesso em: 30 de Jun. de 2017.

TOULMIN, S. **The uses of argument**. New York: Cambridge University Press, 1995.